

DOM HÉLDER E A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA ¹

Martinho Condini
Mestre em Ciências da Religião – PUC-SP
Doutorando em Educação: Currículo - PUC-SP
Professor de História na FITO e de História da Educação na FAC-FITO
condini@bn.com.br

Resumo: Neste artigo não vou abordar o trabalho de Dom Hélder na educação formal, mas sim como seu modelo de esperança se transformou numa prática pedagógica. Isso porque religiosos brasileiros e latino-americanos, principalmente, tiveram-no como um ícone da Igreja na segunda metade do século XX, sendo que a partir dos anos 1950 passaram a atuar baseados no seu pensamento e prática.

Abstract: In this article I wan't tackle Dom Helder's work in formal education but in It's model of hopefulness that turned into a pedagogical still. That's because the Brazilian clergy and mainzy the Latin American clergy saw him as an Icon of the church in the second half of the 20th century. His ideal and beliefs stanted to be falowed by the society in the begginig of 1950.

Desde o início de sua vida religiosa, como padre no Ceará e depois como bispo-auxiliar e arcebispo no Rio de Janeiro, até o arcebispado em Olinda e Recife, Dom Hélder sempre exerceu influência sobre aqueles que estiveram ao seu lado. O seu carisma e a sua liderança, natos em sua personalidade, estiveram sempre presentes em sua trajetória de vida.

A sua liderança, na maioria das vezes, foi exercida de maneira democrática, sem nenhum tipo de autoritarismo. Um legado deixado por ele foi a valorização que deu aos grupos, às comunidades: pensava sempre no coletivo, achava que era dessa maneira que a sociedade iria atingir as transformações por ela almejadas.

No começo de sua vida religiosa no Ceará passou a integrar a Ação Integralista Brasileira – AIB (1932–1937), movimento que defendia a criação de um Estado nacional corporativo, católico, anti-liberal, anti-burguês, anti-norte-americano, anti-soviético e anti-comunista. A AIB tinha os seus princípios político-ideológicos baseados no totalitarismo, no autoritarismo e na opressão, seguia como exemplos os regimes totalitários da Europa, o salazarismo português, o franquismo espanhol, o fascismo italiano e o nazi-fascismo alemão.

¹ O artigo faz parte de um dos capítulos da dissertação de mestrado *Dom Hélder Câmara: Modelo de Esperança na Caminhada para a Paz e a Justiça Social*, defendida no Programa de Ciências da Religião na PUC-SP em 2004.

A participação de Dom Hélder na AIB teve origem no tipo de formação doutrinária e ideológica recebida por ele durante o período em que foi seminarista em Fortaleza (1923-1931). Ele sempre afirmou que o seminário foi importante na sua formação de sacerdote, mas reconhecia também que o seminário não lhe deu uma visão social ajustada ao seu tempo. Com isso, o integralismo na sua vida foi resultado de uma visão errônea que lhe foi transmitida no seminário. Assim afirmou Dom Hélder:

Eu saí do seminário com uma convicção clara: o mundo ia dividir-se cada vez mais entre capitalismo e comunismo. Então, a mim me parecia que dos males o menor. E como o comunismo era apresentado como intrinsecamente mau, sendo materialista, e o capitalismo, que podia ter seus defeitos, ao menos não era tão perigoso assim, optei pelo menos mau. Mas, hoje, quanto mais eu medito no capitalismo – embora não tenha nenhuma ilusão quanto ao que seja a prática do comunismo na Rússia e na China –, mais reconheço que um sistema econômico, qualquer que seja o nome que venha ter (porque hoje há capitalismos, é importante acentuar o plural), que coloque o lucro como preocupação dominante e às vezes até, pode-se dizer, como preocupação exclusiva, este é também um sistema intrinsecamente materialista, desumano.¹

Para um jovem sacerdote, como era o seu caso, o integralismo foi importante na medida em que ele, saindo do seminário cheio de sonhos e ideais, queria construir um mundo melhor e mais justo para homens, mulheres e crianças. E como muitos jovens, ele foi atraído pela força da propaganda do anticomunismo da época, e que ficou ainda mais intensa pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no chamado período da Guerra Fria (1945-1989). Ele relembra uma explicação sobre o comunismo quando seminarista:

Certa vez um líder católico, homem muito sincero, foi fazer uma conferência aos seminaristas de Fortaleza, querendo transmitir-lhes um horror sagrado ao comunismo e nos disse – imagine que ingenuidade, coisa ridícula – que nada se poderia esperar de um regime que tem como símbolos a foice, usada pela morte para ceifar vidas, e o martelo, símbolo da destruição.²

Dom Hélder lamentou várias vezes, ao lembrar que chegou a considerar comunista e discordar das idéias de um educador como Anísio Teixeira.³

A saída de Dom Hélder da AIB esteve diretamente relacionada com o contexto histórico e político daquele momento. Em novembro de 1937, o então Presidente da República, Getúlio Vargas, articulou e impôs um golpe político, cujas conseqüências foram o fechamento do congresso, o cancelamento das eleições presidenciais e a criação do Estado

¹ Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p.58.

² *Ibid.*, p.59.

³ Anísio Spínola Teixeira (1900-1971), importante educador brasileiro do século XX, criador de uma prática pedagógica baseada nas idéias do pedagogo Dewey, denominada Educação Progressiva. Foi o autor intelectual do projeto da Universidade de Brasília, da qual foi o primeiro reitor.

Novo. A partir daí temos a dissolução da AIB, o que inviabilizou a militância de Dom Hélder no integralismo.

Neste momento, ele já percebia que as concepções autoritárias e conservadoras daquele catolicismo, herdado do seminário, estavam “fora de lugar”. Temos, a partir daí, o início de sua conversão à democracia e a elaboração de um processo de construção de uma Igreja com uma maior participação dos leigos e preocupada com as questões sociais. Além disso, a partir de então, através de suas idéias e ação, ele construiu o que vou chamar de uma *pedagogia da esperança*.

Esta sua conversão se deu a partir do contato do sacerdote com o pensamento do filósofo francês Jacques Maritain, intermediado pelo sociólogo e escritor Alceu Amoroso Lima, ex-simpatizante do integralismo. Foi ele a pessoa que mais o influenciou em sua mudança de pensamento.

Na leitura da obra *Humanismo Integral*, indicado pelo amigo Alceu, Dom Hélder deixou-se influenciar pelas idéias de Maritain, incentivado também pela condenação do Papa Pio XI pelo nazismo e pelas dificuldades que a Igreja começava a encontrar no relacionamento com os fascistas na Itália. Gabaglia descreve como o nazismo e o fascismo foram vistos, no Brasil, na segunda metade da década de 1930:

A luta contra o Cristianismo tornara-se patente e odienta. Os compromissos da Concordata não são mais respeitados. As atividades apostólicas do Clero e das organizações católicas são acoimadas de políticas e ferreamente reprimidas [...] Contra os desdobramentos aberrantes do nazismo, o Santo Padre não se cansa de protestar [...] No Domingo da Paixão, 14 de março de 1937, após uma conferência com os três cardeais alemães e os bispos de Berlim e Munique reunidos no quarto do Papa enfermo, Pio XI lança a Encíclica *Mit bremender Sorge* que condena a doutrina racista [...] A indignação nazista mede-se pela violência dos ataques jornalísticos à Igreja, à pessoa do Papa e do seu Secretário de Estado. No entanto, forma-se o Eixo Roma-Berlim e o Santo Padre vê com desolação a Itália contaminada pelos fanatismos doutrinários de sua aliada. A 3 de maio de 1938, Hitler é recebido triunfalmente em Roma. A capital italiana em delírio enche-se de cruzeiros gamadas. Pio XI manda apagar todas as luzes do Vaticano e retira-se para Castelgandolfo. Parece-lhe uma blasfêmia ver hasteadas, em Roma, naquela data litúrgica de 2 de maio, as insígnias de uma “cruz inimiga da verdadeira Cruz”.⁴

Na obra *Humanismo Integral*, Maritain propunha que houvesse a reconciliação entre o catolicismo e a democracia, e a total condenação dos regimes totalitários – tanto de esquerda quanto de direita. É nessa fonte que Dom Hélder começou a beber seus primeiros

⁴ Laurita GABAGLIA, *O Cardeal Leme*, pp. 374-5.

goles de democracia e construir um conjunto de práticas que se tornaria um modelo pedagógico nos anos 60 e 70.

Maritain defende uma “nova vida cristã para o mundo”, em que predomine a democracia e seja respeitado o pluralismo político e religioso. Tanto fiéis como infiéis devem “participar de um mesmo bem comum temporal”, devendo ser preservada a liberdade dos indivíduos e dos grupos, pois, a seu ver, “a sociedade não é composta somente de indivíduos, mas das sociedades particulares por eles formadas, e uma cidade pluralista reconhece a estas sociedades particulares uma autonomia tão alta quanto possível”.⁵

Naquele momento, as idéias de Maritain vão de encontro ao pensamento do integralista Dom Hélder. Contudo, há um acentuado antagonismo entre as idéias de Maritain e o pensamento de Dom Hélder quando jovem, que escreveu no jornal *O Nordeste*, em 1934:

[...] uma vez organizado o Estado integral este não poderá permitir que se formem fora do seu círculo de ação quaisquer forças de ordem política, social ou econômica que o possam ameaçar. Nesta esfera da vida nacional, tudo deve ser controlado e orientado pelo Estado integral.⁶

Sem sombra de dúvidas, podemos afirmar que seu encontro com o pensamento de Maritain, através das obras *Humanismo Integral* e *Cristianismo e Democracia*, foi um divisor de águas em sua vida. De maneira paulatina, ele incorporou em seu cotidiano as propostas de Maritain baseadas num “novo estilo de santidade”, onde a força, a agressividade e a coação deram lugar à penitência, à simplicidade e à pobreza, criando, assim, uma “nova ordem social cristã”. Maritain, em sua obra *Cristianismo e Democracia*, diz que:

Não se pode mudar à vontade os nomes pelos quais gerações de homens sofreram e esperaram. O problema não é encontrar um nome novo para a democracia, e sim descobrir sua verdadeira essência e realizá-la. O problema é passar da democracia burguesa, ressecada por suas hipocrisias e pela falta de seiva evangélica, a uma democracia inteiramente humana, da democracia falida à democracia real.⁷

Não podemos deixar de salientar o momento histórico vivido por Dom Hélder nos anos finais da Segunda Guerra Mundial. A derrota dos regimes totalitários estava delineada e os ares da democracia expandiam-se pelos quatro cantos do mundo. No Brasil, o Estado Novo

⁵ Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.139.

⁶ Hélder CÂMARA, *O Nordeste*, apud Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES. *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.139.

⁷ Jacques MARITAIN, *Cristianismo e Democracia*, p.25.

sofreu as conseqüências do novo realinhamento das forças mundiais, sendo extinto ao final da Segunda Guerra Mundial.

Nesse momento, Dom Hélder não mais compactua com as idéias fascistas defendidas pelo extinto integralismo de Plínio Salgado, perspicaz e dotado de uma fina sensibilidade, percebe as transformações políticas e ideológicas que estavam acontecendo no Brasil e no mundo. Ele também sofreu a influência de grupos e movimentos em favor da democracia dos direitos humanos, além da sua empolgação com o pensamento de Maritain:

[...] a ação católica deve encaminhar para a ação política e preparar a solução dos problemas sociais, na medida em que lhe pertence formar, no seio de suas comunidades temporais respectivas, católicos verdadeira e inteiramente instruídos da doutrina comum da Igreja, em matéria social, notadamente capazes de insuflar na vida uma inspiração autenticamente cristã.⁸

Piletti e Praxedes apresentam trechos de um discurso de Dom Hélder em 1944, numa cerimônia de formatura em que foi paraninfo, na Faculdade Católica de Filosofia, onde ele mostra a sua nova maneira de pensar:

[...] depois de avaliar que estava afastada “a hipótese de uma vitória nazista sobre o mundo” e de que as democracias venceriam “lado a lado com a Rússia Soviética”, pedia que os cristãos evitassem “o farisaísmo de julgar que nós burgueses representamos a ordem social e a virtude, ao passo que os comunistas encarnam a desordem, o desequilíbrio e o desencantamento das forças do mal” e completou: “nós também temos nossas falhas e nossos pecados [...] pois encobrimos injustiças sociais gritantes com esmolos generosas e espetaculares”.⁹

Na segunda metade dos anos 40, o Brasil passava por uma fase de transição política e social, muitas pessoas saíam do campo para trabalhar nas indústrias das grandes cidades. O Partido Comunista Brasileiro ganhava força política diante da classe trabalhadora urbana. Esses fatores provocaram, de certa maneira, uma crise na Igreja Católica, devido à perda de fiéis em função do êxodo rural, com o agravante que nas grandes cidades o catolicismo tinha que concorrer com outros credos: o protestantismo, o espiritismo e a umbanda. Com isso a hierarquia da Igreja Católica foi obrigada a analisar aquele momento e rever as suas práticas se quisesse ainda manter a sua hegemonia como a principal religião do país.

O processo de reorganização da Igreja Católica começou a partir da Semana Nacional de Ação Católica, em 1946, organizada por Dom Hélder, bispo-auxiliar da cidade do Rio de

⁸ Jacques MARITAIN, *Humanismo Integral*, pp. 259-60.

⁹ Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.158.

Janeiro. Mas isso se acentua após o evento da II Semana Nacional de Ação Católica realizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1947, quando os bispos presentes convidaram-no a assumir o cargo de vice-assistente nacional da Ação Católica. Dom Jaime fez a nomeação de Dom Hélder:

Atendendo às necessidades da Ação Católica e as qualidades que ocorrem na pessoa do Revmo. Monsenhor Câmara, havemos bem nomeá-lo Vice-Presidente Nacional da Ação Católica, visto que nessa nomeação, que ora tornamos pública, estão de acordo os Exmos. Revmos. membros da Comissão Episcopal da ACB. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1947, Jaime, Cardeal Câmara. Presidente da Comissão Episcopal e Presidente Nacional da ACB.¹⁰

É importante lembrar que a Ação Católica Brasileira (ACB) foi um movimento controlado pela hierarquia da Igreja e fundado pelo cardeal Leme em 1935, que tinha naquela época o objetivo de formar leigos para colaborar com a missão da Igreja: “salvar as almas pela cristianização dos indivíduos, da família e da sociedade”, missão da época de sua fundação.

O objetivo principal da Semana Nacional de Ação Católica foi reunir bispos, sacerdotes e leigos a fim de discutirem “os problemas que extrapolavam a dimensão das dioceses”, e serviu também para a se fazer a renovação, a reorganização da coordenação do apostolado dos leigos da Ação Católica. Daquele momento em diante, Dom Hélder passou a mostrar a sua capacidade de organização, liderança e objetividade. Ele montou uma equipe composta, principalmente, de mulheres – já participantes da Ação Católica – que voluntariamente se engajaram nos trabalhos dessa nova fase da Ação Católica. A primeira demonstração de eficiência dessa equipe foi a elaboração da *Revista do Assistente Eclesiástico*, muito útil para a articulação da Ação Católica.

Nesta fase, a Ação Católica sofreu uma intensa influência das concepções do padre belga Jose Cardjin, fundador da Juventude Operária Católica (JOC) e criador da trilogia “ver, julgar e agir”, pois, para ele, “sendo o homem em grande parte fruto do meio, não há reforma espiritual profunda dos indivíduos sem concomitante reforma do meio em que vivem e trabalham.”¹¹ Essas concepções de Cardjin levou o padre José Távora a fundar, na Arquidiocese do Rio de Janeiro, a Juventude Operária Católica (JOC).

¹⁰ *Revista do Assistente Eclesiástico*, 1947, n.1, p.7. Esta revista foi criada por Dom Hélder em 1949 quando de sua ação como assistente geral da Ação Católica no Rio de Janeiro.

¹¹ Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES. *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 165. Para uma visão de conjunto da vida e obra de Jose Cardjin ver A. J. BIRK. *Um Mundo a construir*.

Através do processo de consolidação dessa nova postura da Ação Católica, Dom Hélder começava a aparecer no cenário nacional como uma figura de destaque na Igreja. Ele defendia que o catolicismo tivesse uma maior responsabilidade social e não apenas se preocupasse com as questões espirituais; mas, para isso, ele precisava e defendia uma maior participação dos leigos, que deveriam atuar também no seu trabalho, na escola e nos seus espaços sociais. Aqui ele já demonstra a sua preocupação na criação de uma ordem social mais justa e voltada para o coletivo.

Na própria hierarquia da Igreja, antigos militantes da Ação Católica discordavam e faziam severas críticas a essa nova proposta de se abrir mais espaço para a participação dos leigos na organização das atividades sociais proposta pela Igreja.

As concepções de Maritain e Cardijn foram sendo assimiladas e incorporadas por Dom Hélder nas atividades da Ação Católica Brasileira de maneira que em pouco tempo suas idéias foram difundidas em várias partes do Brasil. Para ele, era fundamental atingir as camadas mais jovens da população com essas novas idéias, pois dessa maneira ele garantiria o fortalecimento da Igreja que, naquele momento, enfrentava uma condição desfavorável devido à presença de outras religiões e ao crescimento do Partido Comunista do Brasil. Esse processo de renovação da Ação Católica culminou num encontro organizado por ele, que teve o apoio da Comissão Episcopal da ACB: a IV Semana Nacional do Movimento, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, em junho de 1950, postulava uma reformulação estatutária da Ação Católica Brasileira. Por que Dom Hélder defendia uma reforma do estatuto da ACB?

Dentro da nova mentalidade criada a partir das suas idéias para ACB, propunha-se a criação de movimentos específicos para que pudesse haver a participação dos leigos e, conseqüentemente, um maior dinamismo do clero na busca de resolução para os problemas sociais que afligiam a sociedade brasileira, principalmente os mais necessitados. Laurita Raja Gabaglia escreve sobre a nova estrutura da ACB:

Desapareceram as quatro organizações fundamentais e foram substituídas pelas chamadas “estruturas”, correspondentes às principais mentalidades ou meio nos quais [...] se agrupam os homens modernos: os meios agrário, operário, burguês ou independente e estudantil ou intelectual. Essas estruturas formaram a Ação Católica Especializada, e da Ação Católica em geral passaram a fazer parte todas as associações católicas de piedade e apostolado.¹²

¹² Laurita R. GABAGLIA, *O Cardeal Leme, apud Walter PRAXEDES, Dom Hélder Câmara e a Educação Popular no Brasil*, p.79

Como resultado dessa reestruturação e reformulação da Ação Católica temos a criação dos grupos específicos nos quais os leigos passaram a atuar – na Juventude Operária Católica que já existia e incorporou-se a ACB –, e as demais – a Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Agrária Católica (JAC) e a Juventude Independente Católica (JIC). E, em segundo lugar, a consolidação da ACB como um modelo de prática democrática na Igreja e nos grupos específicos de atuação, que tinham como objetivo construir uma sociedade mais justa, fraterna e humana.

Com essa nova organização da Ação Católica, Dom Hélder demonstrou a sua capacidade de fazer mudanças inovadoras e dar um rumo à missão da Igreja, além de vir no apostolado dos leigos algo positivo para o fortalecimento da Igreja como também a possibilidade de realizar trabalhos mais efetivos direcionados às questões sociais.

A intensa atuação de Dom Hélder na Ação Católica levou-o a iniciar um processo de discussão com as autoridades eclesiais a fim de convencê-las a pensar na criação de uma organização do episcopado brasileiro. O resultado dessa discussão foi a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A partir da fundação da CNBB, ele, através do seu cargo de secretário geral somado à sua experiência na área da educação, fez com que a entidade estivesse constantemente presente nas discussões relacionadas à educação.

Havia uma diferença naquilo que ele pensava a respeito de educação para o Brasil em relação à Associação de Educação Católica (AEC). A AEC defendia os interesses das escolas católicas particulares. Enquanto representante do episcopado brasileiro, Dom Hélder deveria defender os interesses da Igreja e, assim, apoiar de maneira incondicional o ensino privado e elitista das escolas religiosas.

Apesar da responsabilidade como diretor de uma entidade que representava os interesses da Igreja Católica, ele não deixava de pensar e defender idéias e projetos nos quais acreditava. Para a educação, defendia um projeto no qual o acesso ao conhecimento fosse algo popular, a fim de que pudesse atingir as camadas carentes que viviam principalmente nas áreas rurais.

Em 1963, em solenidade no Ministério da Educação, na qual se apresentava o Plano Nacional de Educação para o período de 1963-1970, elaborado pelo educador Anísio Teixeira, combatido pela ala conservadora da Igreja, que solicitou ao governo a sua exoneração do cargo de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), Dom Hélder, ainda secretário geral da CNBB, mostrou sua personalidade e firmeza de opinião, como descreveu o escritor Josué Montelo, que vivenciou aquele momento:

Na solenidade, Dom Hélder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro e membro do Conselho Federal de Educação, pede a palavra, e louva o plano, e apóia Anísio, calidamente, desasombradamente. Anísio Teixeira, a dois passos de mim, ouve com emoção as palavras de Dom Hélder. Tem um brilho feliz nos olhos contraídos, seu rosto moreno resplandece. E eu, daí a momentos, ao cumprimentar Dom Hélder:

“Sou testemunha da emoção de Anísio com o seu discurso.” E Dom Hélder, ao pé da minha orelha: “Só eu sei quanto me pareço com Anísio.”¹³

Como secretário geral da CNBB, ele tinha que defender, de certa maneira, os interesses da ala conservadora da Igreja. Mas foi ele um dos mais importantes incentivadores do Movimento de Educação de Base (MEB) – idealizado por Dom José Távora, grande amigo de Dom Hélder – organizado pela CNBB e financiado pelo governo federal. Pela primeira vez, através da CNBB no MEB, a Igreja se viu envolvida num projeto de educação popular, o que foi muito importante para o processo de alfabetização e conscientização da população rural brasileira na década de 60.

A origem do MEB se deu a partir de uma experiência realizada pelo bispo auxiliar de Natal, Dom Eugênio Sales que, com o apoio da Ação Católica Brasileira, criou a Emissora de Educação Rural de Natal. O trabalho de alfabetização realizado por esse programa educacional atingiu resultados positivos e o programa foi estendido a outras cidades do Nordeste. Quando Dom José Távora¹⁴ se tornou bispo de Aracaju, planejou transformar aquele programa radiofônico num projeto nacional de educação para trabalhadores rurais no Nordeste, daí nasceu o MEB. Dom Hélder e Dom Távora foram os dois principais religiosos do Nordeste a convencer o presidente Jânio Quadros a acreditar na proposta e autorizar o governo a financiar o projeto de educação básica.

Apesar do MEB ter sido organizado pela CNBB com apoio do governo federal, através do Ministério da Educação, sua independência e liberdade filosófica e pedagógica foi mantida até 1964 e, assim, eles conseguiram realizar os seus projetos e traçar os seus objetivos. O MEB defendia uma pedagogia voltada para a educação integral, principalmente dos trabalhadores rurais, e não apenas à sua alfabetização. Este trabalho pedagógico esteve atrelado à proposta da Ação Católica Brasileira que tinha como principal objetivo o desenvolvimento da *consciência política, social e religiosa* do estudante trabalhador. Esse

¹³ Apud Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.270.

¹⁴ Dom José Vicente Távora, arcebispo católico brasileiro da arquidiocese de Aracaju desde 1960. Pioneiro nas experiências de educação de adultos através das escolas radiofônicas em seu Estado e presidente do movimento de Educação de Base (MEB) desde o seu início.

processo de conscientização se deu através da valorização da oralidade e dos costumes de cada comunidade a fim de que os trabalhadores pudessem entender a realidade que os cercava e, a partir daí, transformá-la através de uma ação coletiva. O título de uma das cartilhas do MEB traduzia a sua pedagogia: “Viver é lutar”.

Um fato que mostrou a importância de Dom Hélder para a consolidação do Movimento de Educação de Base, foi a lembrança do relator do documento oficial do Comitê Nobel do Parlamento da Noruega, quando avaliou a possibilidade de conceder-lhe o Prêmio Nobel da Paz entre 1970 e 1974. Afirmou Jacob Sverdrup:

[...] deve-se mencionar o grande programa de educação de adultos, onde Hélder Câmara figura como protagonista. Iniciado esse programa no Nordeste brasileiro, foi o mesmo sancionado pela Igreja, e Câmara foi chamado a negociar com as autoridades, a fim de obter subvenção oficial [...] O programa contava com a subvenção do Estado e a benção da Igreja mas tomou, aos poucos, um rumo que despertou reação das autoridades e criou dissensão dentro da Igreja. A elaboração do programa demonstra bem a filosofia de Câmara. O ensino era apenas um meio para tornar os alunos membros cientes e ativos da sociedade. Esse despertar social foi guiado num certo sentido para libertar o povo das forças que o oprimiam. Através do ensino, o povo deveria ser ativado para um processo de desenvolvimento social [...] ¹⁵

Em síntese, Dom Hélder defendia uma educação popular através do MEB, embasada na **conscientização** – processo pedagógico de cunho político que possibilita às pessoas tomarem consciência de serem cidadãos livres, sujeitos de direitos e deveres individuais e sociais – e na **esperança**, mola precursora geradora do processo de transformação de uma sociedade. Paulo Freire descreve a origem do termo conscientização:

Na América Latina e nos Estados Unidos acredita-se que fui eu o homem quem criou esta palavra, mas a verdade é outra: ela nasceu de uma série de reflexões que uma equipe de professores desenvolveu no ISEB (Instituto Superior de Estudos do Brasil), instituto que estava associado ao Ministério da Educação Nacional e que foi criado depois da chamada Revolução Libertadora do Brasil, em 1964. A palavra foi criada por um dos professores daquela equipe. (...) e foi precisamente no ISEB que escutei pela primeira vez a palavra conscientização, e ao ouvi-la logo percebi a profundidade de seu significado, pois estava absolutamente convencido de que a educação como prática de liberdade é um ato de conhecimento, uma aproximação até a realidade¹⁶.

¹⁵ Jacob SVERDRUP, *Relatório sobre Dom Hélder*, p.XIV. Sverdrup, doutor em filosofia e professor da Universidade de Oslo, foi consultor do Comitê Nobel em 1970.

¹⁶ *Apud* Francisco de Assis S. ALFENAS, *Paulo Freire e Medellín: a Construção de uma Pedagogia Libertadora*, pp.51-2.

A difusão do termo se deu com Dom Hélder: “foi D. Hélder Câmara que se encarregou de difundir-la e de traduzi-la em inglês. Assim, pela influência de Dom Hélder Câmara, mais que pela minha, a palavra entrou na Europa e nos Estados Unidos”¹⁷. No âmbito da Igreja, ele foi um grande interlocutor de Paulo Freire, através da obra *Pedagogia do Oprimido*, exercendo ampla influência na sociedade brasileira. Considerou que essa obra era: “[...] de alcance decisivo para se obter a medida adequada de conscientização, evitando que o oprimido de hoje se transforme no opressor de amanhã”¹⁸.

Paulo Freire, que nutriu profunda admiração por Dom Hélder, dele afirma: “[...] gente que eu posso dizer que não era assistencialista. Gente que era progressista, gente comprometida. Comprometida com os pobres [...]”¹⁹. E nada era e é mais digno em uma sociedade do que o cidadão ter a esperança, através do conhecimento e da conscientização, da possibilidade de transformar, de modificar coletivamente a sua realidade e construir uma nova sociedade. Dessa maneira, esse cidadão estará sendo o agente da sua história e da história da sua comunidade, estado ou país.

As práticas pedagógicas do MEB atingiam religiosos, leigos e o povo, convidando-os a construir uma nova sociedade. Afirmou Luís Eduardo Wanderley, sobre as atividades do MEB que redefiniu “[...] a atuação prática dos cristãos na sociedade brasileira [...] Os leigos assumiram novas tarefas, trouxeram reflexões teóricas e teológicas para o interior da Igreja no Brasil e introduziram a questão política de maneira aguda, que iria reacender nos anos pós-70”²⁰.

Foi a partir da consolidação do MEB, entre os anos de 1961-1964, que a Igreja se viu envolvida na criação do que podemos chamar de *Igreja Popular*, onde os seus resultados diretos foram a criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), as comissões pastorais e os projetos sociais alternativos. Essa Igreja popular, que segue as propostas vindas do grupo da “Igreja dos Pobres”, formada no Concílio Vaticano II, onde a prioridade são os excluídos.²¹

¹⁷ Apud Francisco de Assis S. ALFENAS, *Paulo Freire e Medellín: a Construção de uma Pedagogia Libertadora*, p.52.

¹⁸ Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.410.

¹⁹ Celso Rui BEISIEGEL, *Política e Educação Popular*, p.35.

²⁰ Luís Eduardo W. WANDERLEY. Educar para Transformar: Educação Popular, Igreja Católica e Política no Movimento de Educação de Base, apud Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.271.

²¹ Para uma compreensão da gênese da “Igreja Popular” ver Sérgio TORRES (Org.) *A Igreja que surge da Base* (Eclesiologia das Comunidades Cristãs de Base). Esse texto recolhe as conferências do IV Congresso Internacional Ecumênico de Teologia realizado em São Paulo, em 1980. O Congresso reuniu teólogos e teólogas da América Latina. Ver, também, Leonardo BOFF,

Neste aspecto, Dom Hélder foi um dos principais precursores da construção de uma Igreja engajada social e politicamente na causa dos pobres, dos injustiçados e excluídos. E através de sua ação na CNBB começou-se, a partir da década de 60, a se construir uma Igreja onde termos como “conscientização”, “libertação”, “emancipação” e “consciência crítica” faziam parte do vocabulário e da prática do catolicismo brasileiro.

Por volta de 1967, a Igreja Católica passa por um momento histórico relevante, devido aos resultados do Concílio Vaticano II, reforçado pela encíclica *Populorum Progressio*. Neste contexto, Dom Hélder ficou conhecido pelas autoridades eclesiásticas e leigas do catolicismo como um dos principais articuladores das transformações propostas para a Igreja. Devido ao seu destaque nos bastidores do Vaticano, ele começou a ser convidado a participar de encontros, palestras e conferências em vários países do mundo; teve início, então, a trajetória de conferencista internacional do Arcebispo de Olinda e Recife.

Tínhamos, na segunda metade da década de 60, uma situação contraditória: a hierarquia católica e leiga progressista, estudantes, trabalhadores e militantes de esquerda do mundo queriam conhecer suas idéias, ouvir seu discurso transformador e a sua proposta educacional conscientizadora. E, no Brasil, as autoridades eclesiásticas conservadoras e os militares entendiam o seu discurso como algo subversivo, capaz de fomentar, na sociedade, o descontentamento com o atual regime político e a situação sócio-econômica do país, e levar essa mesma sociedade a um processo de rejeição do *status quo* e de mobilização para promover movimentos que defendessem práticas socialistas.

Em suas conferências no Brasil e em outras partes do planeta, Dom Hélder não se limitava aos assuntos de cunho religioso e espiritual, abordava também problemas políticos, sociais, educacionais e econômicos do mundo contemporâneo. Participou de centenas de conferências e palestras. A indicação de alguns títulos revelam a atualidade e riqueza dos temas abordados por ele: na solenidade de formatura na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, 1966, *Superação do Colonialismo Interno*; conferência em Buenos Aires, 1966, *Presença da Igreja no Desenvolvimento da América Latina*; discurso no lançamento do Manifesto da Ação Católica Operária, em Recife, 1967, *Nordeste, Desenvolvimento Sem Justiça*; conferência em Milão, 1967, *Recife e Milão, Irmãs em Responsabilidade em Face do Desenvolvimento*; conferência em São Paulo, na Pontifícia Universidade Católica, 1967, *Imposições da Solidariedade Universal*; conferência em Montreuil, 1970, *Projetos de*

Desenvolvimento e Preocupação com Mudanças Estruturais; conferência ecumênica sobre a Guerra do Vietnã, em Kansas City, 1972, *Se Queres a Paz, Trabalha pela Justiça*; Prece Ecumênica em Recife, 1973, *Responsabilidade dos Cristãos em Face do Mundo de Hoje*; e a Palestra em Lima, 1975, *Conflitos Sócio-Políticos na América Latina: Situação Atual e Perspectivas, de um Ângulo Pastoral*.

Para Dom Hélder, os problemas que afligiam o planeta estavam diretamente relacionados com a bipolaridade mundial, mas não apenas a bipolaridade ideológica, capitalismo e socialismo; mas também com a exploração dos ricos sobre os pobres, independente do sistema político ou econômico existente nas nações. Para ele, enquanto essa desigualdade existisse não haveria justiça e paz entre os homens. Apresentou essa idéia a governantes e religiosos de todo o mundo, independente da ideologia ou credo, na esperança de envolvê-los num processo de mudanças. Ele afirmava que sua missão era ajudar a humanidade na busca do “desenvolvimento integral”, que envolvia um trabalho simultâneo em várias frentes:

Frente Pessoal: Conscientizar os seres humanos para que combatessem “a presença permanente e insidiosa do egoísmo” em si mesmo;

Frente Local (na Diocese, na Cidade e no Estado): “Viriam colocações sobre o esforço de promoção humana, de conscientização das massas, a ajudar para que se tornem povo”, a exemplo do trabalho que tentava realizar por meio da Operação Esperança;

Frente Regional: dada as especificidades da região Nordeste, seu trabalho seria convencer a sociedade civil e as autoridades governamentais sobre a importância de uma “planificação global para a região, a exemplo do que era tentado na SUDENE, porém evitando o que se chamava “desvirtuamento do órgão”, que o levava a promover o crescimento econômico – “tornando os pobres mais pobres e os ricos mais ricos” – em não um desenvolvimento com justiça;

Frente Nacional: a luta seria por mudanças estruturais, por intermédio da promoção das reformas de base e pela integração entre várias regiões do país;

Frente Continental: “pronunciamentos sobre o desenvolvimento e a integração da América Latina, sem imperialismos externos nem internos”, e a busca de uma relação de amizade e igualdade com os Estados Unidos;

Frente do Terceiro Mundo: alertar a humanidade sobre suas responsabilidades diante da miséria e da opressão existentes na América e na Ásia;

Frente Internacional: denunciar os imperialismos capitalistas e socialistas, responsabilizando-os pelas injustiças no Terceiro Mundo, em razão das relações de exploração existentes no comércio internacional²².

²² Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.367.

O que Dom Hélder pretendia, em suas conferências nos cinco continentes era: “a mobilização simultânea de milhões e milhões de pessoas que, no mundo inteiro, amam a paz e têm sede, por vezes inconsciente, da verdade, do belo e do bem”, para “levar o mundo a uma civilização harmônica e solidária”²³.

Para ele, havia alguns aspectos que deveriam ser olhados com mais atenção, que ele chamava de “principais campos de ação” nos quais se deveria atuar no mundo contemporâneo. Dessa maneira, ele realizou uma síntese desses campos. Em relação aos líderes espirituais se confia o encargo:

- a) nos países desenvolvidos: de levar à convicção de que não haverá paz sem justiça e de que o desenvolvimento é o novo nome da paz;
- b) nos países subdesenvolvidos: de ter presente que Deus não entrega aos pastores apenas a alma e sim criaturas humanas, com alma e com corpo; de ter como dever pastoral, da maior importância e gravidade, lutar para que as criaturas humanas que se acham em nível infra-humano atinjam, quanto antes, o nível humano.²⁴

Quando começou a participar das conferências e palestras, ele se tornou um “cidadão do mundo”, e a sua preocupação era fazer com que as injustiças e desigualdades sociais do mundo diminuíssem. E isso só seria possível com uma organização de grupos militantes atuando em “campos de ação” deflagrando um movimento de opinião pública mundial favorável ao “desenvolvimento harmônico e solidário”. O seu pensamento social, político e econômico não era exclusividade sua, o seu interesse era servir como instrumento para difundir idéias sobre a importância do desenvolvimento econômico como único caminho para a superação das injustiças.

Dom Hélder sofreu uma forte influência de Celso Furtado, que via o desenvolvimento como um “instrumento de humanização do capitalismo” e “também como o melhor caminho para a neutralização dos movimentos de esquerda e socialistas, tais como as ligas camponesas”.²⁵

Ao afirmar que “não haverá paz sem justiça e que o desenvolvimento é o novo nome da paz” e “como o desenvolvimento promoveria o bem-estar, naturalmente estaria assegurada a ordem social, cujo desdobramento político, no mundo ocidental, é a democracia”, Dom

²³ *Ibid.*, p. 367.

²⁴ Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 368.

²⁵ *Ibid.*, p. 369.

Hélder inspirava-se na *Populorum Progressio* de Paulo VI e nos ensinamentos de Celso Furtado²⁶. Dom Hélder confirmava essas influências:

Minha posição consiste em considerar o desenvolvimento o problema n.º 1 do continente. Problema humano ao qual a Igreja não pode, de modo algum, ser insensível. Nosso problema é de paz social. Ou nos desenvolvemos ou, então, o continente se ensanguentará. Aí, sim, virá o comunismo.²⁷

Em suas conferências, ele utilizava-se muito do pensamento do jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin²⁸. Através das leituras de Chardin, ele construiu uma nova visão de mundo, onde o cristão não devia olhar para o mundo querendo fugir dele, e sim olhá-lo e amá-lo, ou seja, o homem é como “co-criador”, responsável por complementar a criação divina. Por influência de Chardin, passou a respeitar a ciência e ver a pesquisa científica como uma maneira do homem chegar ao “coração da matéria”, num caminho evolutivo rumo a “super-humanidade” em que existiria “a máxima abertura para a pessoa humana”, e seria possível o seu encontro com o “Cristo alfa e ômega, princípio e fim”.²⁹

Leitor atento e voraz desde a sua juventude, Dom Hélder adquiriu uma cultura livresca, vastíssima, sem a exclusão das teorias consideradas heréticas pelo catolicismo oficial, como o freudismo e o marxismo. Apesar disso, é possível identificar três componentes essenciais nas concepções filosóficas, políticas, sociais e econômicas que defendia: o pensamento filosófico e teológico de Teilhard de Chardin o conciliara com o conhecimento científico; as concepções cepalinas fundamentavam suas propostas econômicas para a superação das injustiças dentro dos países desenvolvidos; do ponto de vista político a obra madura de Jacques Maritain, desde o final dos anos 30, dera grande impulso que faltava para a conversão de seu pensamento autoritário integralista numa visão de mundo democrática e pluralista, ao mesmo tempo que cristã-católica. Só mesmo o clima de polarização ideológica e de intolerância à diversidade de pensamento existente no Brasil a partir do golpe militar pode explicar por que as propostas de Dom Hélder em suas conferências, baseadas, fundamentalmente, nessas três fontes, eram rotuladas de comunistas. Aliás, no seio da Igreja, o setor integrista se aproveitaria das acusações da direita política contra Dom Hélder para também rotular de comunistas suas propostas de reforma da Cúria Romana e de atualização da doutrina da estrutura da Igreja.³⁰

²⁶ Celso Furtado, doutor em economia, que teve intensa atuação na América Latina e no Brasil nos anos 60 e 70. Em suas obras estudou os problemas brasileiros do desenvolvimento econômico do Brasil e os relacionou com os fatores políticos e sociais.

²⁷ Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 370.

²⁸ D. Romano RÉZÉK, OSB, Pequena biografia e cronologia de suas obras. Para aprofundar o estudo, consultar as obras de Pierre Teilhard de CHARDIN, *Gênese de um pensamento; O Fenômeno Humano; Hino do Universo*.

²⁹ Nelson PILETTI, Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 370.

³⁰ *Ibid.*, p. 371.

Dom Hélder chegou a declarar na época: “Se dou comida aos pobres eles me chamam de Santo. Se eu pergunto por que os pobres não têm comida, eles me chamam de comunista”.³¹ A partir de 1969, tornou-se difícil o seu acesso aos meios de comunicação – rádios, jornais, revistas e televisão – devido ao acirramento da censura imposta pelo governo militar. No início dos anos 70, era reconhecido como uma liderança na luta em defesa dos direitos humanos e da paz mundial. Era um forte candidato ao prêmio Nobel da paz. Alguns jornais estrangeiros chegaram a considerá-lo “o homem de maior influência na América Latina, depois de Fidel Castro”³².

Apesar da peregrinação internacional, com palestras e conferências, a sua prioridade era o trabalho na Arquidiocese, com a ação pastoral vinculada à proposta do Movimento de Educação de Base. Seu objetivo era consolidar o movimento “evangelização conscientizadora”, que há anos vinha sendo elaborado. O intuito desse movimento era organizar pequenos grupos de moradores em áreas populares, discutir o evangelho e debater os problemas da comunidade. A partir daí implantar projetos para a resolução dos problemas de injustiça social que assolam o Nordeste, a América Latina, a Ásia e a África. Nasciam, na Arquidiocese de Olinda e Recife, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).³³ Dom Hélder fala sobre as CEB’s para o mundo:

A Comunidade de Base tem dimensão humana, o que permite que todos conheçam a todos. Os problemas não são de casos de moral extraídos de livros, mas acontecimentos reais, que saltam da vida. Na Comunidade de Base, para que o diálogo seja efetivo e válido, todos aprendem a falar e a calar, a falar e a ouvir, a alegrar-se vendo o próprio pensamento enriquecer-se com os pontos de vista até com as discordâncias dos irmãos. [...] Na Comunidade de Base os irmãos se apóiam mutuamente, cada um guardando a própria liberdade e o grupo renunciando, expressamente, a exercer pressões sobre os seus. [...] Na Comunidade de Base, em geral, todos trabalham ou procuram trabalho [...].³⁴

³¹ Esta referência foi retirada de uma lista de frases de expressão de Dom Hélder intitulada “*Frases de Dom Hélder*”, cuja data não é definida.

³² Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.378

³³ CEBs, Comunidades Eclesiais de Bases, nasceram no Brasil nos anos 60 com o intuito de reunir as camadas populares para celebrar e refletir sobre sua fé a partir da realidade social em que viviam e “à luz da Palavra de Deus”. Reunem-se em pequenos grupos organizados em paróquias (urbano) ou capela (rural), por iniciativa de padres, bispos e leigos. As primeiras surgiram no Rio Grande do Norte, na arquidiocese de Natal. São comunidades porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região. São eclesiais, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de base, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (camadas populares).

³⁴ Dom Hélder CÂMARA, *Minorias Abraâmicas e Estruturas da Igreja*.

Para Dom Hélder, as CEBs eram uma “esperança viva de renovação das estruturas da Igreja”³⁵ tendo a incumbência de promover a humanização através da religiosidade, e esta, contribuindo para a “libertação social” das camadas populares. Ele dizia: “[...] nas nossas Comunidades de Base, também se espalha – e se espalha cada vez mais – a certeza de que, quando o pequeno acreditar no pequeno, quando o menor que padece acreditar no menor, então, sim, o mundo será melhor”³⁶.

Uma de suas preocupações era com os extremismos, tanto de direita, que pretendia esmagar as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a pretexto do perigo de serem instrumentalizadas pelos marxista-leninistas, como pela tentativa que existia delas de fato receberem essa instrumentalização pela extrema esquerda. A cada encontro das comunidades, Dom Hélder achava muito importante haver espaço e tempo para orar e estudar e que se incentivasse a auto-organização política das comunidades, a fim de lutarem por seus direitos, sem a utilização da violência. Frei Gilberto Gorgulho afirma que as CEBs:

São uma escola de crescimento da consciência oprimida, revoltada, agressiva, que caminha até chegar a uma consciência moral, a uma consciência evangélica. São um fator de transformação, porque somente a consciência moral, quer dizer, a percepção do que é verdadeiro, do que é justo, do que é injusto, (clareza na percepção pessoal e grupal) tem força de transformação, força de libertação.³⁷

Na Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Hélder foi o grande incentivador para que os trabalhadores rurais e urbanos e as camadas desfavorecidas da sociedade se organizassem através das Comunidades Eclesiais de Base. Esse apoio levou a região de Pernambuco a ser uma das que mais se destacou na criação das Comunidades Eclesiais de Base, principalmente as comunidades rurais, onde a exploração e a luta pela posse de terras foi mais intensificada. Em Recife, esse trabalho teve seu início com um pequeno projeto liderado e organizado por Dom Hélder denominado *Projeto Esperança*. Ele colaborou com o desenvolvimento e consolidação das CEBs, principalmente em Olinda e Recife, através da sua experiência na ACB e no MEB e do seu apoio aos religiosos e leigos seguidores da Teologia da Libertação (TdL).

O trabalho das comunidades eclesiais de base deveria estar alicerçado num aprendizado através da ação, conscientização e oração. Para Dom Hélder, era importante que no trabalho realizado nessas comunidades ocorresse um processo de transformação, isto é, se

³⁵ Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 391.

³⁶ *Apud* Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p.217.

³⁷ *Apud* José J. QUEIROZ (org), *A Educação Popular nas Comunidades Eclesiais de Base*, p.19.

criasse uma sociedade justa e digna para homens e mulheres. Ele entendia que o trabalho dos missionários tinha um papel fundamental em todo o processo, porque estes não vinham trabalhar para o povo, e sim, com o povo, aprendendo, ensinando e vivenciando os problemas, e junto com a comunidade tentavam buscar soluções. Dessa maneira, ele semeou nas mentes e nas almas das pessoas a sua pedagogia da esperança. Para Dom Hélder: “[...] O verdadeiro educador é muito mais que um despertador. É alguém que vem acordar aquilo que está meio adormecido dentro de nós”³⁸.

Essa tentativa de levar as camadas mais carentes da população a um processo de conscientização através da sua própria realidade só foi possível em função da criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que foram fundamentais para que o povo pudesse pensar, idealizar e construir, em sua comunidade, um mundo possível de melhores condições de vida para todos. Dom Hélder fazia a seguinte reflexão a respeito das CEBs:

Então, o mistério das Comunidades Eclesiais de Base está nessa mudança de atitude. Em lugar de a gente pensar que o povo é formado de uns incapazes, de uns imbecis que não têm nada a dar, a gente acredita no povo. São criaturas humanas que têm cabeça pra pensar, são filhos de Deus que têm boca para falar. Então nós acreditamos nos pequenos projetos de dimensão humana. Nós queremos é isso. Porque, o que é que adiantam aí super-projetos, se só são magníficos para que os ricos se tornem mais ricos e o mundo se torne cada vez mais desumano. Queremos projetos de dimensões humanas precisamente para que haja mais vida humana. Queremos é isso, um mundo mais respirável, menos desumano, quantas vezes será preciso repetir?³⁹

Esse foi o trabalho realizado por ele, ao longo das décadas de 60 e 70, em busca de um mundo mais justo, solidário e sem violência, onde as diferenças étnicas, religiosas e sociais não seriam algo impeditivo para se construir um mundo de irmãos. Isso o projetou para o mundo, e fez com que ele viajasse por todos os continentes levando uma palavra profética grávida de esperança para homens e mulheres de boa vontade. Recebeu títulos de *doctor honoris causa* em várias universidades nacionais e estrangeiras. É importante destacar o primeiro título recebido no Brasil: em 1982, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, quando o então reitor Dom Paulo Evaristo Arns lhe agraciou com tal honraria, a de *Doctor Honoris Causa em Direitos Humanos*. Dom Hélder na ocasião deixa uma mensagem aos jovens:

Um cristão jamais pode perder a esperança. Podemos e devemos fugir de falsas promessas. Mas por mais que descubramos situações graves no Brasil e no mundo –

³⁸ Dom Hélder CÂMARA apud Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p. 231.

³⁹ *Ibid*, p 231.

no Brasil, agravadas pelo que se passa no mundo – para quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir, há claros sinais de esperança, a começar pela atitude dos jovens.⁴⁰

O trecho do discurso acima é importante, primeiro porque acontece num momento histórico ímpar no Brasil e para Dom Hélder. O Brasil estava iniciando o seu processo de redemocratização que, apesar do governo militar, caminhava a passos largos para a consolidação da democracia política em nosso país. Em segundo lugar, merece destaque o reconhecimento da universidade brasileira ao religioso, profeta e místico, Dom Hélder Câmara que, após anos de silêncio, não só voltava a expor suas idéias em público, bem como recebia pela primeira vez no Brasil, um título de *doctor honoris causa*.

Nesse discurso, ele apontou aspectos que sempre foram muito importantes em sua vida: o cristianismo, os jovens e a esperança. Através da esperança cristã e da esperança, ele construiu um modelo de ação no qual, sem violência, ele atingiu de maneira violenta a todos os setores da sociedade que deveriam ser transformados para que os homens construíssem uma sociedade mais justa. A Igreja conservadora, o regime militar e os imperialismos foram os setores de maior atenção por parte do religioso. Conforme depoimento de Dom Antônio Fragoso sobre Dom Hélder: “Um homem que teve a coragem de ser não violento a vida inteira, de ser o mais violento dos bispos do Brasil. Porque ele desmanchava por dentro os conteúdos, assim, de totalitarismo, de opressão, de dominação”⁴¹.

Enfim, foram suas atividades na Ação Integralista Brasileira, na Ação Católica Brasileira, na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Movimento de Educação Básica, no Concílio Ecumênico Vaticano II, na Conferência Episcopal de Medellín, nas Comunidades Eclesiais de Base, somados à sua visão profética e preocupada com os excluídos e as desigualdades sociais cometidas a eles, é que Dom Hélder construiu um estilo único e inofismável de pensar, ser e agir.

⁴⁰ Hélder CÂMARA, *Só a verdade vos libertará*.

⁴¹ Hélder Câmara, *Em Busca da Profecia*. Direção Érika Bauer, produção Cor Filmes, 2003.